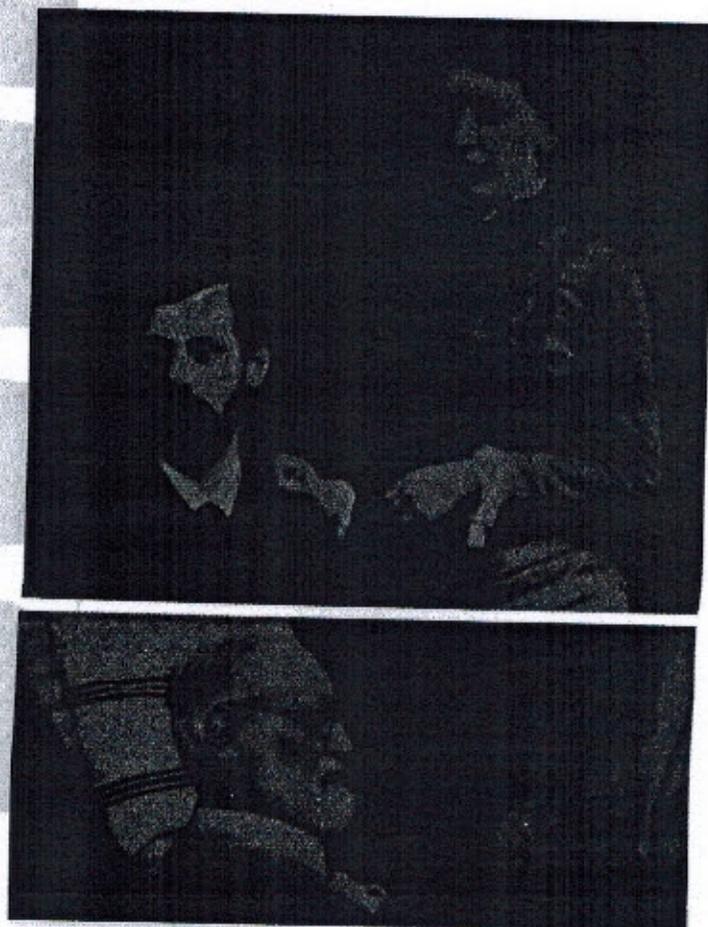


CAPÍTULO 1

SIGMUND FREUD E A PSICANÁLISE



O trabalho de Sigmund Freud, nascido das disciplinas especializadas de Neurologia e Psiquiatria, propõe uma concepção de personalidade que surtiu efeitos importantes na cultura ocidental. Sua visão da condição humana, atacando violentamente as opiniões prevalentes de sua época, oferece um modo complexo e atraente de perceber o desenvolvimento normal e anormal.

Freud explorou áreas da psique que eram discretamente obscurecidas pela moral e filosofia vitorianas. Descobriu novas abordagens para o tratamento da doença mental. Seu trabalho contestou tabus culturais, religiosos, sociais e científicos. Seus escritos, sua personalidade e sua determinação em ampliar os limites de seu trabalho fizeram dele o centro de um círculo de amigos e críticos em constante mudança. Freud sempre repensava em e revia suas idéias anteriores. O curioso é que seus mais ardorosos críticos estavam entre aqueles que supervisionara pessoalmente em várias fases de seu trabalho.

Não é possível descrever todas as contribuições de Freud num único capítulo. O que se segue é uma simplificação deliberada de um sistema complexo, intrinsecamente conectado e inacabado. É uma visão geral, planejada para servir como um corpo de idéias que tornarão outras exposições do pensamento de Freud mais inteligíveis, e que permitirá uma melhor compreensão de outros teóricos cujo trabalho foi fortemente influenciado por Freud. Não estamos interessados em oferecer quer uma prova quer uma refutação das teorias de Freud; entendê-lo é de importância primordial.

HISTÓRIA PESSOAL

Sigmund Freud nasceu no dia 6 de maio de 1856, na pequena cidade de Freiberg, na Moravia (hoje Tchecoslováquia). Quando tinha 4 anos, sua família sofreu contratempos financeiros e mudou-se para Viena. Continuou a residir em Viena até 1938, quando emigrou para a Inglaterra. Morreu em 1939.

Durante sua infância, foi um excelente aluno. Apesar da limitada posição financeira de sua família, o que obrigou os seus oito membros a viverem num apartamento apertado, Freud, o primogênito, tinha seu próprio quarto e até mesmo uma lâmpada de óleo para estudar. O resto da família arranhou-se com velas. No ginásio continuou seu excelente desempenho acadêmico. "Fui o primeiro de minha turma durante 7 anos e desfrutava ali de privilégios especiais, e quase nunca tive de ser examinado em aula" (1925, livro 25, p. 16 na ed. bras.).

Visto ser judeu, todas as carreiras profissionais fora a Medicina e o Direito foram-lhe vedadas — tal era o clima anti-semita prevalente na época. Influenciado pelos trabalhos de Darwin e Goethe, ele decidiu entrar na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena em 1873.

Suas experiências na Universidade de Viena, onde foi tratado como "inferior e estranho" por ser judeu, fortaleceram sua capacidade de suportar críticas. "Numa idade prematura familiarizei-me com o destino de estar na oposição e de ser posto sob o anátema da 'maioria compacta'. Estavam assim lançados os fundamentos para um certo grau de independência de julgamento" (1935, livro 25, p. 17 na ed. bras.). Permaneceu como estudante de Medicina durante oito anos, três a mais do que o habitual. No decorrer desses anos, trabalhou no laboratório fisiológico do Dr. Ernst Brücke. Um pouco da crença de Freud nas origens biológicas da consciência pode ser devida às próprias posições de Brücke, que uma vez jurou fidelidade à seguinte proposição:

Sigmund Freud, pelo poder de sua obra, pela amplitude e audácia de suas especulações, revolucionou o pensamento, as vidas e a imaginação de uma era....Seria difícil encontrar na história das idéias, mesmo na história da religião, alguém cuja influência fosse tão imediata, tão vasta e tão profunda (Wollheim, 1971, p. IX).

Nem naquela época, nem mesmo depois, senti qualquer predileção particular pela carreira de médico. Fui, antes, levado por uma espécie de curiosidade, que era, contudo, dirigida mais para as preocupações humanas do que para os objetos naturais; eu nem tinha apreendido a importância da observação como um dos melhores meios de gratificá-la (1935, livro 25, p.16 na ed. bras.).

Não há outras forças além das físicas e químicas comuns que sejam ativas no organismo. Nos casos que de momento não podem ser explicados por essas forças, devemos procurar descobrir a forma específica de sua ação por meio do método físico-matemático, ou então pressupor novas forças iguais em dignidade às forças físico-químicas inerentes à matéria, reduzíveis à força de atração e repulsão (em Rycroft, 1972, p. 21 na ed. bras.).

Freud fez pesquisas independentes sobre histologia e publicou artigos sobre anatomia e neurologia. Aos 26 anos, recebeu seu diploma de médico. Continuou seu trabalho com Brücke por mais um ano e morou com sua família. Aspirava preencher a vaga seguinte no laboratório, mas Brücke tinha dois excelentes assistentes à frente de Freud. "O momento decisivo ocorreu em 1882 quando meu professor, por quem sentia a mais alta estima, corrigiu a imprevidência generosa de meu pai aconselhando-me vivamente, em vista de minha precária situação financeira, a abandonar minha carreira teórica" (1935, livro 25, p. 18 na ed. bras.). Além do mais, Freud tinha se apaixonado e percebeu que, casando-se, precisaria de um cargo melhor remunerado.

Apesar de se dirigir relutantemente para a clínica particular, seus interesses principais permaneciam na área da observação e exploração científicas. Trabalhando primeiro como cirurgião, depois em clínica geral, tornou-se médico interno do principal hospital de Viena. Fez um curso de Psiquiatria, o que aumentou seu interesse pelas relações entre sintomas mentais e distúrbios físicos. Em 1885, tinha se estabelecido na posição prestigiosa de conferencista da Universidade de Viena. Sua carreira começava a parecer promissora.

De 1884 a 1887, Freud fez algumas das primeiras pesquisas com cocaína. De início, ficou impressionado com suas propriedades: "Eu mesmo experimentei uma dúzia de vezes o efeito da coca, que impede a fome, o sono e o cansaço e robustece o esforço intelectual" (1963). Ele escreveu a respeito de seus possíveis usos para os distúrbios tanto físicos como mentais. Por pouco tempo um defensor, tornou-se depois apreensivo em relação às suas propriedades viciantes e interrompeu a pesquisa.

Com o apoio de Brücke, Freud obteve uma bolsa e foi para Paris trabalhar com Charcot. Este demonstrou que era possível induzir ou aliviar sintomas histéricos com sugestão hipnótica. Freud percebeu que, na histeria, os pacientes exibem sintomas que são anatomicamente inviáveis. Por exemplo, na "anestesia de luva" uma pessoa não terá nenhuma sensibilidade na mão, mas terá sensações normais no pulso e no braço. Uma vez que os nervos têm um percurso contínuo do ombro até a mão, não pode haver nenhuma causa física para este sintoma. Tornou-se claro para Freud que a histeria era uma doença psíquica cuja gênese requeria uma explicação psicológica. Charcot percebeu Freud como um estudante capaz e inteligente e deu-lhe permissão para traduzir seus escritos para o alemão quando Freud voltou a Viena.

O trabalho na França aumentou seu interesse pela hipnose como instrumento terapêutico. Com a cooperação do célebre e experimentado médico Breuer, Freud explorou a dinâmica da histeria (1895). Suas descobertas foram resumidas por Freud: "Os sintomas de pacientes histéricos baseiam-se em cenas do seu passado que lhes causaram grande impressão mas foram esquecidas (traumas); a terapêutica, nisto apoiada, consistia em fazê-los lembrar e reproduzir essas experiências num estado de hipnose (catarse)" (1914, livro 6, p. 17 na ed. bras.). Ele achou, no entanto, que a hipnose não era tão efetiva quanto esperava. Afinal abandonou-a por completo passando a encorajar seus

pacientes a falarem livremente e a relatarem o que quer que pensassem independentemente da aparente relação — ou falta de relação — com seus sintomas.

Em 1896, Freud usou pela primeira vez o termo "psicanálise" para descrever seus métodos. Sua auto-análise começou em 1897. Em 1900, ele publicou *A Interpretação de Sonhos*, considerada por muitos como seu mais importante trabalho, apesar de, na época, não ter recebido quase nenhuma atenção. Seguiu-se, no ano seguinte, outro livro importante, *Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Gradualmente, formou-se à volta de Freud um círculo de médicos interessados, incluindo Alfred Adler, Sandor Ferenczi, Carl Jung, Otto Rank, Karl Abraham e Ernest Jones. O grupo fundou uma sociedade. Documentos foram escritos, uma revista foi publicada e o movimento psicanalítico começou a expandir-se.

Em 1910, Freud foi convidado para ir à América pronunciar conferências na Universidade de Clark. Seus trabalhos estavam sendo traduzidos para o inglês. As pessoas foram se interessando pelas teorias do Dr. Sigmund Freud.

Freud passou sua vida desenvolvendo, ampliando e elucidando a psicanálise. Tentou controlar o movimento psicanalítico, expulsando os membros que discordavam de suas opiniões e exigindo um grau incomum de lealdade à sua própria posição. Jung, Adler e Rank, entre outros, abandonaram o grupo após repetidas divergências com Freud a respeito de problemas teóricos. Mais tarde, cada um fundou sua própria escola de pensamento.

Freud escreveu extensivamente. Suas obras completas compõem-se de 24 volumes e incluem ensaios relativos aos aspectos delicados da prática clínica, uma série de conferências que delineiam toda a teoria e monografias especializadas sobre questões religiosas e culturais. Tentou construir uma estrutura que sobrevivesse a ele, e que eventualmente pudesse reorientar toda a psiquiatria para sua posição. Ele era constrangedor e tirânico. Temia que os analistas que se desviavam dos procedimentos estabelecidos por ele pudessem diluir o poder e as possibilidades da psicanálise. Queria, sobretudo, impedir a distorção e o uso incorreto da teoria psicanalítica. Quando, por exemplo, em 1931, Ferenczi mudou seus procedimentos de súbito e fez da situação analítica uma situação na qual o sentimento podia ser expresso de uma forma mais livre, Freud lhe escreveu o seguinte:

Percebo que as divergências entre nós atingem seu ponto culminante a partir de um detalhe técnico que vale a pena ser examinado. Você não faz segredo do fato de que beija seus pacientes e permite que eles também o beijem. . . . Muito bem, no momento em que você decide oferecer um relato pleno de sua técnica e de seus resultados, você terá de escolher entre esses dois caminhos: ou você relata o fato ou você o esconde. Esta última hipótese, como você bem pode ver, é uma atitude desonrosa. . . .

Agora, certamente não pertencem àquela categoria daqueles que, por pudores hipócritas ou por considerações de convencionalismos burgueses, condenam pequenas satisfações eróticas dessa espécie. Estou perfeitamente a par de que, ao tempo dos Nibelungs, um beijo era uma inocente saudação que se oferecia a qualquer espécie de hóspede ou convidado. Sou, mais ainda, de opinião que a análise é possível até na União Soviética onde, até o limite da competência do Estado, há ampla liberdade sexual. Mas isso não altera os fatos de que não estamos vivendo na Rússia e que, entre nós, o beijo significa certa intimidade erótica. Até o momento sustentamos, dentro da nossa técnica, a conclusão de que os pacientes não devem ter satisfações eróticas. . . .

Agora, imagine qual será o resultado do conhecimento público de sua técnica. Não existe nenhum revolucionário que não seja superado por outro mais radical

Quando subi ao estrado em Worcester para pronunciar minhas "Cinco Lições de Psicanálise", isto pareceu a concretização de um incrível devaneio: a psicanálise não era mais um produto de delírio, tornara-se uma parte valiosa da realidade (1925, livro 25, p. 65 na ed. bras.).

ainda. Certo número de franco-atiradores, em questão de técnica, dirão a si mesmos: por que parar em um só beijo? Certamente vai-se mais adiante se se adota a "bolina" que, afinal de contas, não chega a produzir uma criança. E aí outros mais audaciosos se apresentarão e irão mais adiante, a olhar e mostrar – e dentro em pouco teremos accito na técnica da análise o repertório completo do semivirginismo e dos pais que se acariciam, o que provocaria um enorme aumento de interesse na Psicanálise, tanto entre os analistas quanto entre os pacientes. O novo adepto, no entanto, há de reclamar para si a maior parte desse interesse, o mais moço de nossos colegas achará difícil estacar no ponto que tencionava, e Deus, o pai Ferenczi, ficaria a contemplar esse quadro animado que criou e talvez dissesse para si mesmo: talvez, ao cabo de contas, devesse eu ter parado, na minha técnica de carinho maternal, *antes* do beijo (citado em Jones, 1955, p. 719 na ed. bras.).

À medida que o trabalho de Freud tornava-se de modo geral mais acessível, as críticas aumentavam. Em 1933, os nazistas queimaram uma pilha de livros de Freud em Berlim. Ele comentou o fato: "É um progresso o que está se passando. Na Idade Média, eles teriam jogado a mim na fogueira, hoje em dia contentam-se em queimar os meus livros" (Jones, 1957, p. 732 na ed. bras.). Quando os alemães ocuparam a Áustria, em 1938, foi permitido a Freud ir para Londres. Ele morreu um ano depois.

Os últimos anos de Freud foram difíceis. De 1923 em diante, ele esteve mal de saúde, sofrendo de câncer na boca e mandíbula. Tinha dores contínuas e sofreu trinta e três operações para deter a doença que se expandia.

Sempre envolvido em debates a respeito da validade ou utilidade de seu trabalho, ele continuou a escrever. Seu último livro, *Esboço de Psicanálise* (1940, livro 7 na ed. bras.), começa com um áspero aviso aos críticos: "Os ensinamentos da Psicanálise baseiam-se em um número incalculável de observações e experiências, e somente alguém que tenha repetido estas observações em si próprio e em outras pessoas acha-se em posição de chegar a um julgamento próprio sobre ela" (1940, livro 7, p. 16 na ed. bras.).

O sucesso de Freud pode ser julgado não só pelo interesse e debate contínuos sobre aspectos da teoria psicanalítica, mas principalmente por suas idéias que se tornaram parte da herança comum da cultura ocidental. Todos nós devemos a Freud a revelação do mundo que repousa sob a nossa consciência.

CONCEITOS PRINCIPAIS*

Uma noite da semana passada, enquanto trabalhava com afinco, atormentado com exatamente a quantidade de dor que parece ser o melhor estado para fazer meu cérebro funcionar, as barreiras levantaram-se de súbito, o véu afastou-se e eu tive uma visão clara desde os detalhes das neuroses até as condições que tornam possível a consciência. Tudo parecia ligar-se, o todo funcionava bem em conjunto, e ter-se-ia a impressão de que a coisa era de fato uma máquina e logo andaria por si só . . . tudo isto estava perfeitamente claro e ainda está. Eu, é natural, não sei como conter meu prazer (Freud, carta a Fliess, 20 de outubro, 1895).

Subjacente a todo o pensamento de Freud está o pressuposto de que o corpo é a fonte básica de toda experiência mental. Ele esperava o tempo em que todos os fenômenos mentais pudessem ser explicados com referência direta à fisiologia do cérebro.

* N.T.: Para efeito de homogeneização de vocabulário, preferimos adotar nesta tradução a terminologia da Edição STANDARD Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud em relação aos principais conceitos.

Freud sentia que seu próprio trabalho era freqüentemente apenas descritivo e que seria superado por pesquisas aperfeiçoadas em neurologia.

Determinismo Psíquico

Freud inicia seu pensamento teórico assumindo que não há nenhuma descontinuidade na vida mental. Ele afirmou que *nada* ocorre ao acaso e muito menos os processos mentais. Há uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, sentimento ou ação. Cada evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam. Uma vez que alguns eventos mentais "parecem" ocorrer espontaneamente, Freud começou a procurar e descrever os elos ocultos que ligavam um evento consciente a outro.

Muitas das mais enigmáticas e aparentemente arbitrárias saídas da teoria psicanalítica são pressupostos biológicos, encobertos, ou então, deles resultam de forma direta (Holt, 1965, p. 94).

Consciente, Pré-consciente, Inconsciente

"O ponto de partida dessa investigação é um fato sem paralelo, que desafia toda explicação ou descrição — o fato da consciência. Não obstante, quando se fala de consciência, sabemos imediatamente e pela experiência mais pessoal o que se quer dizer com isso" (1940, livro 7, p. 30 na ed. bras.). O consciente é somente uma pequena parte da mente, inclui tudo do que estamos cientes num dado momento. Embora Freud estivesse interessado nos mecanismos da consciência, seu interesse era muito maior com relação às áreas da consciência menos expostas e exploradas, que ele denominava *pré-consciente e inconsciente*.

Inconsciente. A premissa inicial de Freud era de que há conexões entre todos os eventos mentais. Quando um pensamento ou sentimento parece não estar relacionado aos pensamentos e sentimentos que o precedem, as conexões estão no inconsciente. Uma vez que estes elos inconscientes são descobertos, a aparente descontinuidade está resolvida. "Denominamos um processo psíquico inconsciente, cuja existência somos obrigados a supor — devido a um motivo tal que inferimos a partir de seus efeitos — mas do qual nada sabemos" (1933, livro 28, p. 90 na ed. bras.).

Não há necessidade de caracterizar o que chamamos de "consciente": é o mesmo que a consciência dos filósofos e do senso comum (1940, livro 7, p. 32, na ed. bras.).

No inconsciente estão elementos instintivos, que nunca foram conscientes e que não são acessíveis à consciência. Além disso, há material que foi excluído da consciência, censurado e reprimido. Este material não é esquecido ou perdido, mas não lhe é permitido ser lembrado. O pensamento ou a memória ainda afetam a consciência, mas apenas indiretamente.

Há uma vivacidade e imediatismo no material inconsciente. Memórias muito antigas quando liberadas à consciência, não perderam nada de sua força emocional. "Aprendemos pela experiência que os processos mentais inconscientes são em si mesmos 'intemporais'. Isto significa em primeiro lugar que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera, e que a idéia de tempo não lhes pode ser aplicada" (1920, livro 13, pp. 41-42 na ed. bras.).

Certas inadequações de nosso funcionamento psíquico e certas ações que são aparentemente involuntárias demonstram ser bem motivadas quando submetidas à investigação psicanalítica (Freud, 1901).

A maior parte da consciência é inconsciente. Ali estão os principais determinantes da personalidade, as fontes da energia psíquica, e pulsões ou instintos.

Pré-consciente. Estritamente falando, o pré-consciente é uma parte do inconsciente, mas uma parte que pode tornar-se consciente com facilidade. As

porções da memória que são acessíveis fazem parte do pré-consciente. Estas podem incluir lembranças de tudo o que você fez ontem, seu segundo nome, todas as ruas nas quais você morou, a data da conquista da Normandia, seus alimentos prediletos, o cheiro de folhas de outono queimando, o bolo de aniversário de formato estranho que você teve quando fez dez anos, e uma grande quantidade de outras experiências passadas. O pré-consciente é como uma vasta área de posse das lembranças de que a consciência precisa para desempenhar suas funções.

Pulsões ou Instintos*

Instintos são pressões que dirigem um organismo para fins particulares. Quando Freud usa o termo, ele não se refere aos complexos padrões de comportamento herdados dos animais inferiores, mas seus equivalentes nas pessoas. Tais instintos são "a suprema causa de toda atividade" (1940, livro 7, p. 21 na ed. bras.). Freud em geral se referia aos aspectos físicos dos instintos como necessidades; seus aspectos mentais podem ser comumente denominados desejos. Os instintos são as forças propulsoras que incitam as pessoas à ação.

Todo instinto tem quatro componentes: uma fonte, uma finalidade, uma pressão e um objeto. A fonte, quando emerge a necessidade, pode ser uma parte do corpo ou todo ele. A finalidade é reduzir a necessidade até que mais nenhuma ação seja necessária, é dar ao organismo a satisfação que ele no momento deseja. A pressão é a quantidade de energia ou força que é usada para satisfazer ou gratificar o instinto; ela é determinada pela intensidade ou urgência da necessidade subjacente. O objeto de um instinto é qualquer coisa, ação ou expressão que permite a satisfação da finalidade original.

Consideremos o modo como esses componentes aparecem numa pessoa com sede. O corpo desidrata-se até o ponto em que precisa de mais líquido; a fonte é a necessidade crescente de líquidos. À medida que a necessidade torna-se maior, pode tornar-se consciente como "sede". Enquanto esta sede não for satisfeita, torna-se mais pronunciada; ao mesmo tempo em que aumenta a intensidade, também aumenta a pressão ou energia disponível para fazer algo no sentido de aliviar a sede. A finalidade é reduzir a tensão. O objeto não é simplesmente um líquido: leite, água ou cerveja, mas todo ato que busca reduzir a tensão. Isto pode incluir levantar-se, ir a um bar, escolher entre várias bebidas, preparar uma delas e bebê-la.

Enquanto as reações iniciais de busca podem ser instintivas, o ponto crítico a ser lembrado é que há a possibilidade de satisfazer o instinto plena ou parcialmente de várias maneiras. A capacidade de satisfazer necessidades nos animais é via de regra limitada por um padrão de comportamento estereotipado.

* N. T.: No *Vocabulário de Psicanálise* (1975) há uma distinção entre os termos pulsão e instinto. Pulsão (em alemão *trieb*, em inglês *drive* ou *instinct*) refere-se ao "processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo" (LaPlanche e Pontalis, 1975). Instinto (em alemão *Instinkt*, em inglês *instinct*) seria um "esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma seqüência temporal pouco suscetível de alterações, e que parece corresponder a uma finalidade" *op. cit.*

Esta distinção não foi feita por Fadiman & Frager mas, para efeito de tradução, resolvemos respeitar a terminologia dos autores, traduzindo os termos *instinct* por *instinto* e *drive* por *pulsão*.

O instinto, em geral, é considerado como uma espécie de elasticidade das coisas vivas, um impulso no sentido da restauração (de uma situação) que outrora existiu, mas que foi conduzida a um fim por alguma perturbação externa (1925, livro 25, p. 71 na ed. bras.).

pado. Os instintos humanos apenas iniciam a necessidade da ação; eles nem predeterminam a ação particular, nem a forma como ela se completará. O número de soluções possíveis para um indivíduo é uma soma de sua necessidade biológica inicial, o "desejo" mental (que pode ou não ser consciente) e uma grande quantidade de idéias anteriores, hábitos e opções disponíveis.

Freud assume que o modelo mental e comportamental normal e saudável tem a finalidade de reduzir a tensão a níveis previamente aceitáveis. Uma pessoa com uma necessidade continuará buscando atividades que possam reduzir esta tensão original. O ciclo completo de comportamento que parte do repouso para a tensão e a atividade, e volta para o repouso, é denominado modelo de *tensão-redução*. As tensões são resolvidas pela volta do corpo ao nível de equilíbrio que existia antes da necessidade emergir.

Ao examinar um comportamento, um sonho, ou um evento mental, uma pessoa pode procurar as pulsões psicofísicas subjacentes que são satisfeitas por essa atividade. Se observarmos pessoas comendo, supomos que elas estão satisfazendo sua fome; se estão chorando, é provável que algo as perturbou. O trabalho analítico envolve a procura das causas dos pensamentos e comportamentos, de modo que se possa lidar de forma mais adequada com uma necessidade que está sendo imperfeitamente satisfeita por um pensamento ou comportamento particular.

No entanto, vários pensamentos e comportamentos parecem não reduzir a tensão; de fato, eles aparecem para criar tensão, pressão ou ansiedade. Estes comportamentos podem indicar que a expressão direta de um instinto foi bloqueada. Embora seja possível catalogar uma série ampla de "instintos", Freud tentou reduzir esta diversidade a alguns básicos.

Instintos Básicos. Freud desenvolveu duas descrições dos instintos básicos. O primeiro modelo descrevia duas forças opostas, a sexual (ou, de modo geral, a erótica, fisicamente gratificante) e a agressiva ou destrutiva. Suas últimas descrições, mais globais, encararam essas forças ou como mantenedoras da vida ou como incitadoras da morte (ou destruição). Ambas as formulações pressupõem dois conflitos instintivos básicos, biológicos, contínuos e não-resolvidos. Este antagonismo básico não é necessariamente visível na vida mental pois a maioria de nossos pensamentos e ações é evocada não por apenas uma destas forças instintivas, mas por ambas em combinação.

Freud impressionou-se com a diversidade e complexidade do comportamento que emerge da fusão das pulsões básicas. Por exemplo, ele escreve: "Os instintos sexuais fazem-se notar por sua plasticidade, sua capacidade de alterar suas finalidades, sua capacidade de se substituírem, que permite uma satisfação instintual ser substituída por outra, e por sua possibilidade de se submeterem a adiamentos..." (1933, livro 28, p. 122 na ed. bras.). Os instintos são canais através dos quais a energia pode fluir. Esta energia obedece às suas próprias leis.

Libido e Energia Agressiva. Cada um destes instintos gerais tem uma fonte de energia em separado. **Libido** (da palavra latina para "desejo" ou "anseio") é a energia aproveitável para os instintos de vida. O uso do termo por Freud é às vezes confuso, uma vez que o descreve como quantidade mensurável. "Sua produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento

devem propiciar-nos possibilidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados" (1905a, livro 2, p. 113 na ed. bras.).

Outra característica importante da libido é sua "mobilidade", a facilidade com que pode passar de uma área de atenção para outra. Freud descreveu a natureza passageira da receptividade emocional como um fluxo de energia, fluindo para dentro e para fora das áreas de interesse imediato.

A energia do instinto de agressão ou de morte não tem um nome especial. Ela supostamente apresenta as mesmas propriedades gerais que a libido, embora Freud não tenha elucidado este aspecto.

Catexia. Catexia é o processo pelo qual a energia libidinal disponível na psique é vinculada a ou investida na representação mental de uma pessoa, idéia ou coisa. A libido que foi catexizada perde sua mobilidade original e não pode mais mover-se em direção a novos objetos. Está enraizada em qualquer parte da psique que a atraiu e segurou.

A palavra original alemã, *besetzung*, significa ocupar e investir; se você imaginar seu depósito de libido como uma dada quantidade de dinheiro, catexia é o processo de investi-la. Uma vez que uma porção foi investida ou catexizada, permanece af, deixando você com essa porção a menos para investir em outro lugar.

Estudos psicanalíticos sobre luto, por exemplo, interpretam o desinteresse das ocupações normais e a preocupação com o recente finado como uma retirada de libido dos relacionamentos habituais e uma "extrema" ou "hiper" catexia da pessoa perdida.

A teoria psicanalítica está interessada em compreender onde a libido foi catexizada inadequadamente. Uma vez liberada ou redirecionada, esta mesma energia está então disponível para satisfazer outras necessidades habituais. A necessidade de liberar energias presas também se encontra nos trabalhos de Rogers e Maslow, assim como no Budismo e Sufismo. Cada uma dessas teorias chega a diferentes conclusões a respeito da fonte da energia psíquica, mas todos concordam com a alegação freudiana de que a identificação e a canalização da energia psíquica são uma questão importante na compreensão da personalidade.

Estrutura da Personalidade

As observações de Freud a respeito de seus pacientes revelaram uma série interminável de conflitos e acordos psíquicos. A um instinto opunha-se outro; proibições sociais bloqueavam pulsões biológicas e os modos de enfrentar situações freqüentemente chocavam-se uns com os outros. Ele tentou ordenar este caos aparente propondo três componentes básicos estruturais da psique: o id, o ego e o superego.

O Id. O Id "contém tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento, que está presente na constituição—acima de tudo, portanto, os instintos que se originam da organização somática e que aqui (no id) encontram uma primeira expressão psíquica, sob formas que nos são desconhecidas" (1940, livro 7, pp. 17-18 na ed. bras.). É a estrutura da personalidade original, básica e mais central, exposta tanto às exigências somáticas do corpo como aos efeitos do ego e do superego. Embora as outras partes da estrutura se desenvolvam a partir do id, ele próprio é amorfo, caótico e desorganizado. "As

Certas afecções parecem pôr em evidência a idéia de que o indivíduo tem à sua disposição uma determinada quantidade de energia, que repartiria variavelmente na sua relação com os seus objetos e consigo mesmo (LaPlanche e Pontalis, 1975, p. 334 na ed. bras.).

leis lógicas do pensamento não se aplicam ao id. . . . Impulsos contrários existem lado a lado, sem que um anule o outro, ou sem que um diminua o outro" (1933, livro 28, p. 94 na ed. bras.). O id é o reservatório de energia de toda a personalidade.

O id pode ser associado a um rei cego cujo poder e autoridade são totais e cerceadores, mas que depende de outros para distribuir e usar de modo adequado o seu poder.

Os conteúdos do id são quase todos inconscientes, eles incluem configurações mentais que nunca se tornaram conscientes, assim como o material que foi considerado inaceitável pela consciência. Um pensamento ou uma lembrança, excluído da consciência e localizado nas sombras do id, é mesmo assim capaz de influenciar a vida mental de uma pessoa. Freud acentuou o fato de que materiais esquecidos conservam o poder de agir com a mesma intensidade mas sem controle consciente.

O Ego. O ego é a parte do aparelho psíquico que está em contato com a realidade externa. Desenvolve-se a partir do id, à medida que o bebê torna-se cômico de sua própria identidade, para atender e aplacar as constantes exigências do id. Como a casca de uma árvore, ele protege o id mas extrai dele a energia, a fim de realizar isto. Tem a tarefa de garantir a saúde, segurança e sanidade da personalidade. Freud descreve suas várias funções em relação com o mundo externo e com o mundo interno, cujas necessidades procura satisfazer.

São estas as principais características do ego: em consequência da conexão preestabelecida entre a percepção sensorial e a ação muscular, o ego tem sob seu comando o movimento voluntário. Ele tem a tarefa de autopreservação. Com referência aos acontecimentos *externos* desempenha essa missão dando-se conta dos estímulos externos, armazenando experiências sobre eles (na memória), evitando estímulos excessivamente internos (mediante a fuga), lidando com estímulos moderados (através da adaptação) e, finalmente, aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade). Com referência aos acontecimentos *internos*, em relação ao id, ele desempenha essa missão obtendo controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo inteiramente as suas excitações. É dirigido, em sua atividade, pela consideração das tensões produzidas pelos estímulos; despejam estas tensões nele presentes ou são nele introduzidas. A elevação dessas tensões é, em geral, sentida como *desprazer* e o seu abaixamento como *prazer*. . . . O ego se esforça pelo prazer e busca evitar o desprazer (1940, livro 7, pp. 18-19 na ed. bras.).

Assim, o ego é originalmente criado pelo id na tentativa de enfrentar a necessidade de reduzir a tensão e aumentar o prazer. Contudo, para fazer isto, o ego, por sua vez, tem de controlar ou regular os impulsos do id de modo que o indivíduo possa buscar soluções menos imediatas e mais realistas.

Um exemplo pode ser o de um encontro heterossexual. O id sente uma tensão que surge da excitação sexual insatisfeita e poderia reduzir esta tensão através da atividade sexual direta e imediata. O ego tem que determinar quanto da expressão sexual é possível e como criar situações em que o contato sexual seja o mais satisfatório possível. O id é sensível à necessidade, enquanto que o ego responde às oportunidades.

No id, não existe nada que corresponda à idéia de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo, e—coisa muito notável e merecedora de estudo no pensamento filosófico—nenhuma alteração em seus processos mentais é produzida pela passagem do tempo... Naturalmente, o id não conhece nenhum julgamento de valores: não conhece o bem, nem o mal, nem a moralidade (1933, livro 28, p. 95 na ed. bras.).

O Superego. Esta última parte da estrutura se desenvolve não a partir do id, mas a partir do ego. Atua como um juiz ou censor sobre as atividades e pensamentos do ego. É o depósito dos códigos morais, modelos de conduta e dos construtos que constituem as inibições da personalidade. Freud descreve três funções do superego: consciência, auto-observação e formação de ideais. Enquanto consciência, o superego age tanto para restringir, proibir ou julgar a atividade consciente; mas também age inconscientemente. As restrições inconscientes são indiretas, aparecendo como compulsões ou proibições. "Aquele que sofre (de compulsões e proibições) comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe" (1907, livro 31, p. 17 na ed. bras.).

A tarefa de auto-observação surge da capacidade do superego de avaliar atividades independentemente das pulsões do id para tensão-redução e independentemente do ego, que também está envolvido na satisfação das necessidades. A formação de ideais está ligada ao desenvolvimento do próprio superego. Ele não é, como se supõe às vezes, uma identificação com um dos pais ou mesmo com seus comportamentos: "O superego de uma criança é com efeito construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração" (1933, livro 28, p. 87 na ed. bras.).

Relações entre os Três Subsistemas. A meta fundamental da psique é manter—e recuperar, quando perdido—um nível aceitável de equilíbrio dinâmico que maximiza o prazer e minimiza o desprazer. A energia que é usada para acionar o sistema nasce no id, que é de natureza primitiva, instintiva. O ego, emergindo do id, existe para lidar realisticamente com as pulsões básicas do id e também age como mediador entre as forças que operam no id e no superego e as exigências da realidade externa. O superego, emergindo do ego, atua como um freio moral ou força contrária aos interesses práticos do ego. Ele fixa uma série de normas que definem e limitam a flexibilidade deste último.

O id é inteiramente inconsciente, o ego e o superego o são em parte. "Grande parte do ego e do superego pode permanecer inconsciente e é normalmente inconsciente. Isto é, a pessoa nada sabe dos conteúdos dos mesmos e é necessário despender esforços para torná-los conscientes" (1933, livro 28, p. 89 na ed. bras.).

Nesses termos, o propósito prático da psicanálise "é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id" (1933, livro 28, p. 102 na ed. bras.).

Fases Psicosexuais do Desenvolvimento

À medida que um bebê se transforma numa criança, uma criança em adolescente e um adolescente em adulto, ocorrem mudanças marcantes no que é desejado e em como estes desejos são satisfeitos. As modificações nas formas de gratificação e as áreas físicas de gratificação são os elementos básicos na descrição de Freud das fases de desenvolvimento. Freud usa o termo *fixação* para descrever o que ocorre quando uma pessoa não progride normal-

mente de uma fase para outra, mas permanece muito envolvida numa fase particular. Uma pessoa fixada numa determinada fase preferirá satisfazer suas necessidades de forma mais simples ou infantil, ao invés dos modos mais adultos que resultariam de um desenvolvimento normal.

Fase Oral. Desde o nascimento, necessidade e gratificação estão ambas concentradas predominantemente em volta dos lábios, língua e, um pouco mais tarde, dos dentes. A pulsão básica do bebê não é social ou interpessoal, é apenas receber alimento para atenuar as tensões de fome e sede. Enquanto é alimentada, a criança é também confortada, aninhada, acalentada e acariciada. No início, ela associa prazer e redução da tensão ao processo de alimentação.

A boca é a primeira área do corpo que o bebê pode controlar; a maior parte da energia libidinal disponível é direcionada ou focalizada nesta área. Conforme a criança cresce, outras áreas do corpo desenvolvem-se e tornam-se importantes regiões de gratificação. Entretanto, alguma energia é permanentemente fixada ou catexizada nos meios de gratificação oral. Em adultos, existem muitos hábitos orais bem desenvolvidos e um interesse contínuo em manter prazeres orais. Comer, chupar, mascar, fumar, morder e lambe ou beijar com estalo, são expressões físicas destes interesses. Pessoas que mordicam constantemente, fumantes e os que costumam comer demais podem ser pessoas parcialmente fixadas na fase oral, pessoas cuja maturação psicológica pode não ter se completado.

A fase oral tardia, depois do aparecimento dos dentes, inclui a gratificação de instintos agressivos. Morder o seio, que causa dor à mãe e leva a um retraimento do seio, é um exemplo deste tipo de comportamento. O sarcasmo do adulto, o arrancar o alimento de alguém, a fofoca, têm sido descritos como relacionados a esta fase do desenvolvimento.

A retenção de algum interesse em prazeres orais é normal. Este interesse só pode ser encarado como patológico se for o modo dominante de gratificação, isto é, se uma pessoa for excessivamente dependente de hábitos orais para aliviar a ansiedade.

Fase Anal. À medida que a criança cresce, novas áreas de tensão e gratificação são trazidas à consciência. Entre dois e quatro anos, as crianças geralmente aprendem a controlar os esfíncteres anais e a bexiga. A criança presta uma atenção especial à micção e à evacuação. O treinamento da toaleta desperta um interesse natural pela autodescoberta. A obtenção do controle fisiológico é ligada à percepção de que esse controle é uma nova fonte de prazer. Além disso, as crianças aprendem com rapidez que o crescente nível de controle lhes traz atenção e elogios por parte de seus pais. O inverso também é verdadeiro; o interesse dos pais no treinamento da higiene permite à criança exigir atenção tanto pelo controle bem sucedido quanto pelos "erros".

Características adultas que estão associadas à fixação parcial na fase anal são: ordem, parcimônia e obstinação. Freud observou que esses três traços em geral são encontrados juntos. Ele fala do "caráter anal" cujo comportamento está intimamente ligado a experiências sofridas durante esta época da infância.

Parte da confusão que pode acompanhar a fase anal é a aparente contradição entre o prodígio elogio e o reconhecimento, por um lado e, por ou-

tro, a idéia de que ir ao banheiro é "sujo" e deveria ser guardado em segredo. A criança não consegue compreender inicialmente que suas fezes e urina não sejam apreciadas. As crianças pequenas gostam de observar suas fezes na privada, na hora de dar a descarga, e com freqüência acenam e dizem-lhes adeus. Não é raro uma criança oferecer como presente a seu pai ou mãe parte de suas fezes. Tendo sido elogiada por produzi-las, a criança pode surpreender-se ou confundir-se no caso de seus pais reagirem ao presente com repugnância. Nenhuma área da vida contemporânea é tão carregada de proibições e tabus como a área que lida com o treinamento da higiene e comportamentos típicos da fase anal.

Outra característica da sexualidade infantil inicial é que o órgão sexual feminino propriamente dito ainda não desempenha nela qualquer papel: a criança ainda não o descobriu. A ênfase recai inteiramente no órgão masculino; todo o interesse da criança está dirigido para a questão de se ele se acha presente ou não (1926, livro 25, p. 130 na ed. bras.).

Se penetrarmos profundamente na neurose de uma mulher, não poucas vezes deparamos com o desejo reprimido de possuir um pênis (1917, livro 27, p. 151, na ed. bras.).

Fase Fálica. Bem cedo, já aos três anos, a criança entra na fase fálica, que focaliza as áreas genitais do corpo. Freud afirmava que essa fase é melhor caracterizada por "fálica" uma vez que é o período em que uma criança se dá conta de seu pênis ou da falta de um. É a primeira fase em que as crianças tornam-se conscientes das diferenças sexuais.

As opiniões de Freud a respeito do desenvolvimento da inveja do pênis em meninas foram longamente debatidas em círculos psicanalíticos, assim como em outros lugares. (Incluimos uma discussão completa deste aspecto controverso da teoria psicanalítica no Apêndice I.) Freud concluiu, a partir de suas observações, que, durante esse período, homens e mulheres desenvolvem sérios temores sobre questões sexuais.

O desejo de ter um pênis e a aparente descoberta de que lhe falta "algo" constituem um momento crítico no desenvolvimento feminino. Segundo Freud: "A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e a terceira, finalmente, à feminilidade normal" (1933, livro 29, p. 31 na ed. bras.).

Freud tentou compreender as tensões que uma criança vivencia quando sente excitação "sexual", isto é, o prazer a partir da estimulação de áreas genitais. Esta excitação está ligada, na mente da criança, à presença física próxima de seus pais. O desejo desse contato torna-se cada vez mais difícil de ser satisfeito pela criança, ela luta pela intimidade que seus pais compartilham entre si. Esta fase caracteriza-se pelo desejo da criança de ir para a cama de seus pais e pelo ciúme da atenção que seus pais dão um ao outro, ao invés de dá-la à criança.

Freud viu crianças nesta fase reagirem a seus pais como ameaça potencial à satisfação de suas necessidades. Assim, para o menino que deseja estar próximo de sua mãe, o pai assume alguns atributos de um rival. Ao mesmo tempo, o menino ainda quer o amor e a afeição de seu pai e, por isso, sua mãe é vista como uma rival. A criança está na posição insustentável de querer e temer ambos os pais.

Em meninos, Freud denominou a situação complexo de Édipo, segundo a peça de Sófocles. Na tragédia grega, Édipo mata seu pai (desconhecendo sua verdadeira identidade) e, mais tarde, casa-se com a mãe. Quando finalmente toma conhecimento de quem havia matado e com quem se casara, o próprio Édipo desfigura-se arrancando os dois olhos. Freud acreditava que todo menino revive um drama interno similar. Ele deseja possuir sua mãe e matar seu

pai para realizar este destino. Ele também teme seu pai e receia ser castrado por ele, reduzindo a criança a um ser sem sexo e, portanto, inofensivo. A ansiedade da castração, o temor e o amor pelo seu pai, e o amor e o desejo sexual por sua mãe não podem nunca ser completamente resolvidos. Na infância, todo o complexo é reprimido. Mantê-lo inconsciente, impedi-lo de aparecer, evitar até mesmo que se pense a respeito ou que se reflita sobre ele—essas são algumas das primeiras tarefas do superego em desenvolvimento.

Para as meninas, o problema é similar, mas sua expressão e solução tomam um rumo diferente. A menina deseja possuir seu pai e vê sua mãe como a maior rival. Enquanto os meninos reprimem seus sentimentos, em parte pelo medo da castração, a necessidade da menina de reprimir seus desejos é menos severa, menos total. A diferença em intensidade permite a elas “permanecerem nela (situação edipiana) por um tempo indeterminado; destroem-na tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto” (1933, livro 29, p. 35 na ed. bras.). (Veja apêndice para uma discussão mais completa.)

Seja qual for a forma que realmente toma a resolução da luta, a maioria das crianças parece modificar seu apego aos pais em algum ponto depois dos cinco anos de idade e voltam-se para o relacionamento com seus companheiros, atividades escolares, esportes e outras habilidades. Esta época, da idade de 5, 6 anos até o começo da puberdade, é denominada *período de latência*, um tempo em que os desejos sexuais não-resolvidos da fase fálica não são atendidos pelo ego e cuja repressão é feita, com sucesso, pelo superego. “A partir desse ponto, até a puberdade, estende-se o que se conhece por período de latência. Durante ele a sexualidade normalmente não avança mais, pelo contrário, os anseios sexuais diminuem de vigor e são abandonadas e esquecidas muitas coisas que a criança fazia e conhecia. Nesse período da vida, depois que a primeira eflorescência da sexualidade feneceu, surgem atitudes do ego como vergonha, repulsa e moralidade, que estão destinadas a fazer frente à tempestade ulterior da puberdade e a alicerçar o caminho dos desejos sexuais que se vão despertando” (1926, livro 25, p. 128 na ed. bras.).

Fase Genital. A fase final do desenvolvimento biológico e psicológico ocorre com o início da puberdade e o conseqüente retorno da energia libidinal aos órgãos sexuais. Neste momento, meninos e meninas estão ambos conscientes de suas identidades sexuais distintas e começam a buscar formas de satisfazer suas necessidades eróticas e interpessoais.

DINÂMICA

Crescimento Psicológico

Psicanálise. A intenção de Freud, desde seus primeiros escritos, era entender melhor os aspectos obscuros e aparentemente inatingíveis da vida mental. Ele denominou psicanálise a teoria e terapia. “Psicanálise é o nome de: (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos, e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica” (1923, livro 15, p. 107 na ed. bras.).

Um exame dos métodos da psicanálise e seus principais procedimentos—associação livre e transferência—está além dos objetivos deste livro. O objetivo da psicanálise é liberar materiais inconscientes antes inacessíveis, de modo que se possa lidar com eles conscientemente. Freud acreditava que o material inconsciente permanecia inconsciente apenas através de um consumo considerável e contínuo de libido. À medida que esse material torna-se acessível, a energia é liberada e pode ser usada pelo ego para atividades mais saudáveis.

A liberação de materiais bloqueados é capaz de minimizar as atitudes autodestrutivas. É possível reavaliar a necessidade de ser punido ou de sentir-se inadequado por exemplo, trazendo à consciência aqueles atos ou fantasmas que levavam à necessidade. As pessoas podem, então, libertar-se do sofrimento que, de certa forma, traziam perpetuamente consigo mesmas. Exemplificando, muitos, se não a maioria dos norte-americanos, sentem que seus órgãos sexuais não têm a medida certa: os pênis são muito curtos ou muito finos; os seios são flácidos, muito miúdos, muito grandes ou malformados e assim por diante. A maioria dessas crenças surge durante os anos da adolescência ou mais cedo. Os resíduos inconscientes dessas atitudes são visíveis nas preocupações a respeito de adequação sexual, capacidade de despertar desejo, ejaculação precoce, frigidez e um grande número de sintomas relatados. Se estes temores não-expressos forem explorados, expostos e atenuados, pode haver um aumento da energia sexual disponível, assim como uma redução da tensão total.

A psicanálise sugere que é possível, porém difícil, chegar a um acordo com as repetidas exigências do id. "O propósito da psicanálise é revelar os complexos reprimidos por causa de desprazer e que produzem sinais de resistência ante as tentativas de levá-los à consciência" (1906, livro 31, pp. 62-63 na ed. bras.). "Uma das atribuições da psicanálise, como sabem, é erguer o véu da amnésia que oculta os anos iniciais da infância e trazer à memória consciente as manifestações do início da vida sexual infantil que estão contidas neles" (1933, livro 28, p. 42 na ed. bras.). As metas, tais como descritas por Freud, pressupõem que se uma pessoa liberar-se das inibições do inconsciente, o ego estabelecerá novos níveis de satisfação em todas as áreas de funcionamento.

Sonhos e Elaboração Onírica. Ouvindo as associações livres de seus pacientes, assim como considerando sua própria auto-análise, Freud começou a investigar os relatos e lembranças dos sonhos. No livro que é com freqüência descrito como seu trabalho mais importante—*A Interpretação de Sonhos* (1900)—ele descreve como os sonhos ajudam a psique a se proteger e satisfazer-se. Obstáculos incessantes e desejos não mitigados preenchem o cotidiano. Os sonhos são um balanço parcial, tanto somática quanto psicologicamente. Freud indica que do ponto de vista biológico, a função dos sonhos é permitir que o sono não seja perturbado. Sonhar é uma forma de canalizar desejos não realizados através da consciência sem despertar o corpo. "Uma estrutura de pensamento, na maioria das vezes muito complicada, que foi construída durante o dia e não realizada (estabelecida)—um remanescente do dia—apega-se firmemente mesmo durante a noite à energia que tinha assumido . . . e então ameaça perturbar o sono. Esse resíduo diurno é transformado num sonho pela

elaboração onírica e, dessa forma, torna-se inofensivo ao sono (1905; em Fodor, 1958, pp. 52-53).

Mais importante que o valor biológico dos sonhos são os efeitos psicológicos da *elaboração onírica*. Esta é "o conjunto das operações que transformam os materiais do sonho (estímulos corporais, restos diurnos, pensamentos do sonho) num produto: o sonho manifesto" (LaPlanche e Pontalis, 1973, p. 664 na ed. bras.). Um sonho não aparece simplesmente; ele é desenvolvido para atingir necessidades específicas, embora essas não sejam descritas de maneira clara pelo conteúdo manifesto do sonho.

Quase todo sonho pode ser compreendido como a *realização de um desejo*. O sonho é um caminho alternativo para satisfazer os desejos do id. Quando em estado de vigília, o ego esforça-se para proporcionar prazer e reduzir o desprazer. Durante o sono, necessidades não satisfeitas são escolhidas, combinadas e arranjadas de modo que as seqüências do sonho permitam uma satisfação adicional ou redução de tensão. Para o id, não é importante o fato da satisfação ocorrer na realidade físico-sensorial ou na imaginada realidade interna do sonho. Em ambos os casos, energias acumuladas são descarregadas.

Muitos sonhos parecem não ser satisfatórios; alguns são deprimentes, alguns perturbadores, outros assustadores e muitos simplesmente obscuros. Muitos sonhos parecem reviver eventos passados, enquanto uns poucos parecem ser proféticos. Através da análise detalhada de dezenas de sonhos, ligando-os a conhecimentos da vida do sonhador, Freud foi capaz de mostrar que a elaboração onírica é um processo de seleção, distorção, transformação, inversão, deslocamento e outras modificações em um desejo original. Essas mudanças tornam tal desejo aceitável ao ego, mesmo que o desejo não-modificado seja totalmente inaceitável pela consciência em estado de vigília. Freud torna-nos cientes da permissividade dos sonhos, onde toleramos ações que estão claramente além das restrições morais de nossa vida de vigília. Em sonhos, matamos, mutilamos ou destruímos inimigos, parentes ou amigos; temos relações sexuais, realizamos nossas perversões e tomamos como parceiros sexuais uma vasta gama de pessoas. Em sonhos, combinamos pessoas, lugares e ocasiões que não apresentam nenhuma possibilidade de serem reunidos no nosso mundo de vigília.

O sonho é uma forma de satisfazer desejos que não foram ou não podem ser realizados durante o dia. Os "resíduos diurnos" que formam o conteúdo manifesto do sonho servem como estrutura do conteúdo latente ou dos desejos disfarçados. O sonho realiza, em pelo menos dois níveis, incidentes comuns que não foram resolvidos ou que fazem parte de padrões mais amplos e antigos que nunca foram solucionados.

Sonhos repetidos podem ocorrer quando um acontecimento diurno provoca o mesmo tipo de ansiedade que levou ao sonho original. Por exemplo, uma mulher de 60 anos ativa e feliz no casamento, de vez em quando ainda sonha que vai prestar exames no colégio. Ela entra na classe, mas a mesma está vazia. O exame terminou, ela chegou muito tarde. Ela tem esse sonho quando está ansiosa a respeito de uma dificuldade corriqueira; no entanto, sua ansiedade não está relacionada nem com o colégio, nem com os exames, os quais deixou para trás há muitos anos.

Sonhos tentam satisfazer desejos, mas nem sempre são bem sucedidos. "Em determinadas circunstâncias, um sonho só é capaz de levar a efeito a sua

Os sonhos não devem ser comparados aos sons desregulados que saem de um instrumento musical atingido pelo golpe de alguma força externa em vez de sê-lo pela mão de quem sabe tocar; não são destituídos de sentido, não são absurdos, não implicam que uma parcela de nossa reserva de idéias se ache adormecida, enquanto outra começa a despertar. Pelo contrário, são fenômenos psíquicos de inteira validade—realização de desejos; podem ser inseridos no conjunto de atos mentais inteligíveis de vigília; são produzidos por uma atividade da mente altamente complexa (1900, vol. IV, p. 131 na ed. bras.).

Sonhos são reais enquanto duram—podemos dizer mais alguma coisa da vida? (Havelock Ellis)

Um sonho, então, é uma psicose, com todos os absurdos, delírios e ilusões de uma psicose. Uma psicose de curta duração, sem dúvida, inofensiva, até mesmo dotada de uma função útil, introduzida com o consentimento do indivíduo e concluída por um ato de sua vontade (1940, livro 7, p. 47 na ed. bras.).

Os sonhos são os verdadeiros intérpretes de nossas inclinações, mas é necessária arte para ordená-los e compreendê-los (Montaigne, 1553/1592, *Ensaíes*).

Assim, grande parte das forças suscetíveis de utilização em atividades culturais é obtida pela supressão dos chamados elementos *perversos* da excitação sexual (1908, livro 31, p. 33 na ed. bras.).

intenção de modo muito incompleto, ou, então, tem de abandoná-la por inteiro. A fixação inconsciente a um trauma parece estar acima de tudo, entre esses obstáculos à função de sonhar" (1933, livro 28, p. 43 na ed. bras.).

Dentro do contexto da psicanálise, o terapeuta ajuda o paciente a interpretar os sonhos para facilitar a recuperação do material inconsciente. Freud fez certas generalizações sobre tipos especiais de sonhos (p. ex. sonhos em que se cai, em que se voa, em que se nada, e sonhos sobre fogo), mas ele deixa claro que para cada caso específico as regras gerais podem não ser válidas, e que as associações de um indivíduo em seu próprio sonho são mais importantes que qualquer conjunto preconcebido de regras de interpretação.

Os críticos de Freud freqüentemente sugerem que ele interpretou além do necessário os componentes sexuais dos sonhos de forma a ajustá-los à sua teoria geral. A réplica de Freud é clara: "Jamais sustentei a afirmação, tantas vezes a mim atribuída, de que a interpretação de sonhos revela que todos os sonhos têm um conteúdo sexual ou provém de forças motoras sexuais" (1925, livro 25, p. 58 na ed. bras.). O que ele sustentou é que os sonhos não são nem casuais nem acidentais, e sim um modo de satisfazer desejos não realizados. Outros teóricos, incluindo Jung e Perls, que não aceitaram as interpretações de Freud, reconheceram, contudo, sua dívida para com ele pelo seu trabalho pioneiro em desvendar e interpretar a função dos sonhos.

Sublimação. A sublimação é o processo através do qual a energia originalmente dirigida para propósitos sexuais ou agressivos é direcionada para novas finalidades, com freqüência metas artísticas, intelectuais ou culturais. A sublimação foi denominada a "defesa bem sucedida" (Fenichel, 1945). Podemos comparar a energia original a um rio que inunda, destruindo casas e propriedades. Para evitar isso, uma barragem é construída. A destruição não pode mais ocorrer mas a pressão se desenvolve atrás do dique, ameaçando danos ainda maiores se, em qualquer ocasião, a barreira romper-se. A sublimação é a construção de canais alternativos que, por sua vez, podem ser usados para gerar energia elétrica, irrigar áreas outrora áridas, criar parques e oferecer outras oportunidades recreativas. A energia original do rio foi desviada com sucesso para canais socialmente aceitáveis ou culturalmente sancionados.

A energia sublimada é responsável pelo que denominamos civilização. Freud alega que a enorme energia e complexidade da civilização resulta da pulsão subjacente para achar vias aceitáveis e suficientes para a energia reprimida. A civilização encoraja a transcendência das pulsões originais e, em alguns casos, os fins alternativos podem ser mais satisfatórios para o id que a satisfação dos impulsos iniciais.

A energia sublimada reduz as pulsões originais. Esta transformação "coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetos sem restringir consideravelmente a sua intensidade" (1908, livro 31, p. 32 na ed. bras.).

Obstáculos ao Crescimento

Ansiedade. O principal problema da psique é encontrar maneiras de enfrentar a ansiedade. Esta é provocada por um aumento, esperado ou previsto, da tensão ou desprazer; pode desenvolver-se em qualquer situação (real ou

imaginada), quando a ameaça a alguma parte do corpo ou da psique é muito grande para ser ignorada, dominada ou descarregada.

Situações protótipas que causam ansiedade incluem as seguintes:

1. Perda de um objeto desejado—por exemplo, uma criança privada de um dos pais, de um amigo íntimo, ou de um animal de estimação.
2. Perda de amor—por exemplo, rejeição, fracasso em reconquistar o amor ou a aprovação de alguém que lhe importa.
3. Perda de identidade—por exemplo, medo de castração, da perda de prestígio, de ser ridicularizado em público.
4. Perda de auto-estima—por exemplo, a desaprovação do superego por atos ou traços que resultam em culpa ou ódio em relação a si mesmo.

A ameaça desses ou de outros eventos causa ansiedade. Há dois modos de diminuir a ansiedade. O primeiro é lidar diretamente com a situação. Resolvemos problemas, superamos obstáculos, enfrentamos ou fugimos de ameaças, e chegamos a termo de um problema a fim de minimizar seu impacto. Desta forma, lutamos para eliminar dificuldades e diminuir as probabilidades de sua repetição, reduzindo, assim, as perspectivas de ansiedade adicional no futuro. Nas palavras de Hamlet, “pegamos em armas contra um mar de perturbações e, opondo-nos, pomos fim a ele”.

A outra forma de defesa contra a ansiedade deforma ou nega a própria situação. O ego protege toda a personalidade contra a ameaça, falsificando a natureza desta. Os modos pelos quais se dão as distorções são denominados *mecanismos de defesa*.

Mecanismos de Defesa. Os principais mecanismos de defesa “patogênicos” aqui descritos são: repressão, negação, racionalização, formação reativa, isolamento, projeção e regressão (Anna Freud, 1936; Fenichel, 1945). A sublimação, exposta anteriormente, é uma defesa bem sucedida; ela de fato resolve e elimina a tensão. Todas as outras defesas bloqueiam a expressão direta de necessidades instintivas. Enquanto que qualquer um destes mecanismos pode ser encontrado em indivíduos saudáveis, sua presença é, via de regra, uma indicação de possíveis sintomas neuróticos.

Repressão. “A essência da repressão consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância” (1915, livro 11, p. 60 na ed. bras.). A repressão afasta da consciência um evento, idéia ou percepção potencialmente provocadores de ansiedade, impedindo, assim, qualquer solução possível. É pena que o elemento reprimido ainda faça parte da psique, apesar de inconsciente, e que continue a ser um problema.

“A repressão nunca é realizada de uma vez por todas, mas requer um constante consumo de energia para manter-se, enquanto que o reprimido faz tentativas constantes para encontrar uma saída” (Fenichel, 1945). Sintomas histéricos com frequência têm sua origem numa antiga repressão. Algumas doenças psicossomáticas, tais como asma, artrite e úlcera, podem estar relacionadas com a repressão. Também é possível que o cansaço excessivo, fobias e impotência ou frigidez derivem de sentimentos reprimidos. Se, por exemplo, você tiver sentimentos fortemente ambivalentes em relação a seu pai, você poderá amá-lo e ao mesmo tempo desejar que ele estivesse morto. O

Se o ego é obrigado a admitir sua fraqueza, ele irrompe em ansiedade—ansiedade realística referente ao mundo externo, ansiedade moral referente ao superego e ansiedade neurótica referente à força das paixões do id (1933 livro 28, pp. 99—100 na ed. bras.).

desejo de sua morte, com as fantasias que o acompanham, e os sentimentos resultantes da culpa e vergonha, podem todos ser inconscientes, uma vez que tanto o ego quanto o superego achariam a idéia inaceitável. No momento da morte de seu pai, esse complexo seria reprimido de forma ainda mais rígida. Admitir tais sentimentos significaria que você sentiria prazer com a morte de seu pai, um sentimento ainda mais inaceitável pelo seu superego do que ressentimento ou hostilidade iniciais. Nesta situação você pode parecer não-afetado ou indiferente à morte dele, a repressão retendo a dor e a perda genuínas, assim como a hostilidade não expressa.

Negação. Negação é a tentativa de não aceitar na realidade um fato que perturba o ego. Os adultos têm a tendência de "fantasiar" que certos acontecimentos não são assim, que na verdade não aconteceram. Este vôo de fantasia pode tomar várias formas, algumas das quais parecem absurdas ao observador objetivo. A seguinte estória é uma ilustração da negação:

Uma mulher foi levada à Corte a pedido de seu vizinho. Esse vizinho acusava a mulher de ter pego e danificado um vaso valioso. Quando chegou a hora da mulher se defender, sua defesa foi tripla: "Em primeiro lugar, nunca tomei o vaso emprestado. Em segundo lugar, estava lascado quando eu o peguei. Finalmente, Sua Excelência, eu o devolvi em perfeito estado".

A notável capacidade de lembrar-se incorretamente de fatos é a forma de negação encontrada com maior frequência na prática psicoterápica. O paciente recorda-se de um acontecimento de forma vívida, depois, mais tarde, pode lembrar-se do incidente de maneira diferente e, de súbito, dar-se conta de que a primeira versão era uma construção defensiva.

Freud não pretendeu que suas observações fossem inteiramente originais. Com efeito, ele cita as observações de Darwin e de Nietzsche sobre si próprios. Darwin, em sua autobiografia, anotou:

Durante muitos anos obedeci a uma regra de ouro. A saber: sempre que eu deparava com um fato publicado, uma nova observação ou pensamento, que se opunha aos meus resultados gerais, eu imediatamente anotava isso sem errar, porque a experiência me ensinou que tais fatos e pensamentos fogem da memória com muito maior facilidade que os favoráveis (citado em Freud, 1901, vol. VI, p. 185 na ed. bras.).

Nietzsche comentou um aspecto diferente do mesmo processo:

"Isto foi feito por mim", diz a memória. "Isto não foi feito por mim", diz meu orgulho, e permanece inexorável. Por fim a memória cede (citado em Freud, 1901, vol. VI, p. 183).

Racionalização. Racionalização é o processo de achar motivos aceitáveis para pensamentos e ações inaceitáveis. É o processo através do qual uma pessoa apresenta uma explicação que é ou logicamente consistente ou eticamente aceitável para uma atitude, ação, idéia ou sentimento que emerge de outras fontes motivadoras. Usamo-la para justificar nosso comportamento quando, na realidade, as razões para nossos atos não são recomendáveis. As seguintes afirmações podem ser racionalizações; as afirmações entre parênteses são as possíveis razões não expressas:

1. "Eu só estou fazendo isto para seu próprio bem". (Eu quero fazer isto para você. Eu não quero que me façam isto. Eu até mesmo quero que você sofra um pouco.)
2. "O experimento foi uma continuação lógica de meu trabalho anterior". (Eu comecei com um erro, mas tive sorte quanto ao fato dele ter dado certo.)
3. "Eu acho que estou apaixonado por você". (Estou "ligado" no teu corpo, quero que você relaxe e se "ligue" no meu.)

Racionalização é um modo de aceitar a pressão do superego; disfarça nossos motivos, tornando nossas ações moralmente aceitáveis. Enquanto obstáculo ao crescimento, impede a pessoa que racionaliza ou qualquer outra, de aceitar e trabalhar com as genuínas forças motivadoras menos recomendáveis. Vista de fora, como na seguinte estória de Idries Shah, parece uma confirmação do óbvio.

A ESCOLHA DO QUEIJO

— Eu decidi, disse o rato, gostar de queijo. Uma decisão tão importante, é desnecessário dizer, não pode ser tomada sem um período suficiente de cuidadosa deliberação. Não se pode negar o encanto imediato indefinível estético da substância. Todavia, isso só é possível para o tipo de indivíduo mais refinado — a estúpida raposa, por exemplo, carece de discriminação sensitiva até mesmo para se aproximar do queijo.

— Outros fatores na escolha não são menos suscetíveis à análise racional: o que vem de encontro, naturalmente, à maneira certa de ser.

— A cor atraente, a textura conveniente, o peso adequado, as formas diversas e interessantes, os locais relativamente numerosos onde podemos encontrá-lo, a razoável facilidade de digestão, a relativa abundância de variedade dos conteúdos nutritivos, a pronta acessibilidade, a considerável facilidade de transporte, a ausência total de efeitos colaterais — estes e uma centena de outros fatores de fácil definição provam abundantemente meu bom senso e meu profundo discernimento, exercitados de forma consciente na realização desta sábia e deliberada escolha (1972).

Formação Reativa. Esse mecanismo substitui comportamentos e sentimentos que são diametralmente opostos ao desejo real; é uma inversão clara e, em geral, inconsciente do desejo.

Como outros mecanismos de defesa, as formações reativas são desenvolvidas, em primeiro lugar, na infância. "Como as crianças tornam-se conscientes da excitação sexual que não pode ser satisfeita, evocam conseqüentemente forças psíquicas opostas que, a fim de suprimirem efetivamente este desprazer, constroem as barreiras mentais que já mencionei — a repugnância, a vergonha e a moralidade" (1905a, livro 2, p. 73 na ed. bras.). Não só a idéia original é reprimida, mas qualquer vergonha ou auto-reprovação que poderiam surgir ao admitir tais pensamentos também são excluídas da consciência.

Infelizmente, os efeitos colaterais da formação reativa podem prejudicar os relacionamentos sociais. As principais características reveladoras de formação reativa são seu excesso, sua rigidez e sua extravagância. O impulso, sendo negado, tem que ser cada vez mais ocultado.

A seguinte carta foi escrita a um pesquisador por um antivivisseccionista. É um claro exemplo de um sentimento — compaixão por todas as coisas vivas — usado para disfarçar outro sentimento — uma pulsão para fazer mal e torturar.

A pessoa que construiu uma formação reativa não desenvolve certos mecanismos de defesa a serem usados quando um perigo instintivo ameaça; ela modificou sua estrutura de personalidade como se esse perigo estivesse continuamente presente, de forma a poder estar pronta quando quer que lhe ocorra (Fenichel, 1945).

Eu li (um artigo de revista) . . . a respeito de seu estudo sobre alcoolismo. . . . Estou surpreso que alguém tão culto quanto o senhor possa assumir tal posição e rebaixar-se tanto a ponto de torturar pequenos gatos indefesos no intento de achar uma cura para alcoólatras. . . . Um bêbado não quer ser curado — um bêbado é apenas um idiota de mente fraca que caiu na sarjeta e deveria ali permanecer. Ao invés de torturar pequenos gatos indefesos, por que não torturar bêbados; ou, melhor ainda, colocar seu esforço pretensamente nobre para editar uma lei que exterminasse os bêbados. . . . Meu maior desejo é que lhe seja imposta uma tortura mil vezes maior que aquela que o senhor infligiu e tem infligido aos pequenos animais. . . . Se o senhor for um exemplo do que um ilustre psiquiatra deve ser, estou feliz em ser apenas um ser humano comum, sem título após meu nome. Prefiro simplesmente ser eu mesmo, com a consciência limpa, *sabendo que não feri nenhuma criatura viva*, e poder dormir sem ver gatos morrendo assustados, atemorizados — pois sei que devem morrer depois de terminado o seu trabalho com eles. Nenhum castigo é bastante grande para o senhor, e espero viver e ler a respeito de seu corpo mutilado e de seu longo sofrimento antes de morrer ao final — e eu rirei durante muito tempo e muito alto” (Masserman, 1961, p. 38).

É possível evidenciar formações reativas em qualquer comportamento excessivo. A dona de casa que limpa continuamente a sua casa pode, na realidade, estar concentrando sua consciência no contato e no exame da sujeira. Os pais que não são capazes de admitir seu ressentimento em relação aos filhos “podem interferir tanto em suas vidas, sob o pretexto de estarem preocupados com seu bem-estar e segurança, que a superproteção é, na verdade, uma forma de punição” (Hall, 1954, p. 93). A formação reativa oculta partes da personalidade e restringe a capacidade de uma pessoa responder a eventos; a personalidade pode tornar-se relativamente inflexível.

Projeção. O ato de atribuir a uma outra pessoa, animal ou objeto as qualidades, sentimentos ou intenções que se originam em si próprio, é denominado projeção. É um mecanismo de defesa por meio do qual os aspectos da personalidade de um indivíduo são deslocados de dentro deste para o meio externo. A ameaça é tratada como se fosse uma força externa. A pessoa pode, então, lidar com sentimentos reais, mas sem admitir ou estar consciente do fato de que a idéia ou comportamento temido é dela mesma. As seguintes afirmações podem ser projeções; a afirmação entre parênteses, o sentimento inconsciente real:

1. “Todos os homens/mulheres querem apenas uma coisa” (Eu penso muito a respeito de sexo);
2. “Você nunca pode confiar num negro, num carcamano, numa vespa, num ganso selvagem, num estudante, num padre, numa mulher” (Eu quero, às vezes, tirar vantagem injusta dos outros);
3. “Posso dizer que você está furioso comigo” (Eu estou furioso com você).

Sempre que caracterizamos algo “fora” como mau, perigoso, pervertido e assim por diante, sem reconhecermos que essas características podem também ser verdadeiras para nós, é provável que estejamos projetando. É igualmente verdadeiro que quando percebemos os outros como sendo poderosos, atraentes, capazes e assim por diante, sem apreciar as mesmas qualidades em nós mesmos, também estamos projetando. A variável crítica na projeção é que não vemos em nós mesmos o que parece claro e óbvio nos outros.

Pesquisas relativas à dinâmica do preconceito mostraram que as pessoas

que tendem a estereotipar outras também revelam pouca percepção de seus próprios sentimentos. As pessoas que negam ter um traço de personalidade específico são mais críticas em relação a este traço quando o vêem ou projetam sobre outros (Sears, 1936).

Isolamento. Isolamento é um modo de separar as partes da situação provocadoras de ansiedade, do resto da psique. É o ato de dividir a situação de modo a restar pouca ou nenhuma reação emocional ligada ao acontecimento.

O resultado é que, quando uma pessoa discute problemas que foram isolados do resto da personalidade, os fatos são relatados sem sentimento, como se tivessem acontecido a um terceiro. Esta abordagem árida pode tornar-se uma maneira dominante de enfrentar situações. Uma pessoa pode isolar-se cada vez mais em idéias e ter contato cada vez menor com seus próprios sentimentos.

As crianças podem brincar com isto dividindo suas identidades em aspectos bons e maus. Podem pegar um animal de brinquedo e fazê-lo falar e fazer todo o tipo de coisas proibidas. A personalidade do animal pode ser tirânica, rude, sarcástica ou irracional. Uma criança pode revelar, através do animal, comportamentos que os pais não permitiriam em circunstâncias normais.

A discussão de Freud sobre isolamento aponta que o protótipo normal de isolamento é o pensamento lógico, que também tenta separar o assunto da situação emocional em que se encontra. O isolamento é um mecanismo de defesa somente quando usado para proteger o ego de aceitar aspectos de situações ou relacionamentos dominados pela ansiedade.

Regressão. Regressão é um retorno a um nível de desenvolvimento anterior ou a um modo de expressão mais simples ou mais infantil. É um modo de aliviar a ansiedade escapando do pensamento realístico para comportamentos que, em anos anteriores, reduziram a ansiedade. Linus, nas histórias em quadrinhos de Charley Brown, sempre volta a um espaço psicológico seguro quando está sob tensão; ele se sente seguro quando agarra seu cobertor.

A regressão é um modo de defesa mais primitivo. Embora reduza a tensão, freqüentemente deixa sem solução a fonte de ansiedade original. A extensa lista de Calvin Hall, de comportamentos regressivos, nos dá oportunidade de ver-se inclui alguns de nossos comportamentos.

Até mesmo pessoas saudáveis bem ajustadas fazem regressões de vez em quando a fim de reduzir a ansiedade, ou, como dizem, desabafar. Fumam, embebedam-se, comem demais, perdem a paciência, roem as unhas, põem o dedo no nariz, quebram leis, falam como crianças, destroem propriedades, masturbam-se, lêem histórias de mistério, vão ao cinema, engajam-se em práticas sexuais inusitadas, mascam chiclete e tabaco, vestem-se como crianças, dirigem rápida e imprudentemente, acreditam em espíritos bons e maus, tiram sonecas, lutam e matam uns aos outros, apostam em cavalos, fantasiam, rebelam-se ou submetem-se a uma autoridade, jogam, envaidecem-se diante do espelho, dão vazão a seus impulsos, arrumam bodes expiatórios e fazem mil e uma outras coisas infantis. Algumas dessas regressões são tão comuns que são encaradas como sinais de maturidade. Na verdade, todas elas constituem formas de regressão usadas por adultos (Calvin Hall, 1954, pp. 95-96).

Resumo dos Mecanismos de Defesa. As defesas aqui descritas são formas que a psique tem de se proteger da tensão interna ou externa. As defesas evitam a realidade (repressão), excluem a realidade (negação), redefinem a realidade (racionalização) ou invertem-na (formação reativa). Elas colocam sentimentos internos no mundo externo (projeção), dividem a realidade (isolamento) ou dela escapam (regressão). Em todos os casos, a energia libidinal é necessária para manter a defesa, limitando efetivamente a flexibilidade e a força do ego. "Interrompem a energia psíquica que poderia ser usada para atividades mais eficientes do ego. Quando uma defesa se torna muito influente, domina o ego e restringe sua flexibilidade e adaptabilidade. Finalmente, se as defesas se quebrarem, ele não terá a que recorrer e será dominado pela ansiedade" (Hall, 1954, p. 96).

ESTRUTURA

Corpo

Como pode ser visto pelo material precedente, Freud abordou a personalidade sob o ponto de vista fisiológico. As pulsões básicas surgem de fontes somáticas; a energia libidinal deriva da energia física; respostas à tensão determinam os comportamentos tanto físicos quanto mentais. A excitação e o relaxamento instintivo existem num limite indefinido entre o orgânico e o mental.

O foco primário da energia libidinal encontra-se nos vários modos de expressão sexual. A maioria das funções cruciais do corpo está ligada à expressão e diferenciação sexual. A maturidade plena desenvolve-se a partir da plena sexualidade genital. Uma das muitas contribuições de Freud foi alertar sua geração, mais uma vez, para a primazia do corpo como o centro de funcionamento da personalidade.

Relacionamento Social

As interações e relacionamentos adultos são fortemente influenciados pelas primeiras experiências infantis. As primeiras relações, aquelas que ocorrem no núcleo da família, são as determinantes; todos os relacionamentos posteriores referem-se de várias formas aos modos pelos quais estes relacionamentos iniciais foram formados e mantidos. Os modelos básicos de criança-mãe, criança-pai e criança-irmãos são os protótipos a partir dos quais os encontros posteriores são inconscientemente avaliados. Os relacionamentos posteriores são, até certo grau, recapitulações da dinâmica, das tensões e das gratificações que ocorreram na família original.

Nossas escolhas na vida — pessoas amadas, amigos, chefes, mesmo nossos inimigos — derivam dos laços criados entre pais e filhos. As rivalidades naturais são recapituladas em nossas funções sexuais e no modo com que nos adaptamos às exigências dos outros. Com grande frequência desempenhamos a dinâmica iniciada em nossas casas, escolhendo, muitas vezes, como companheiros, pessoas que reavivam em nós aspectos não resolvidos de nossas necessidades originais. Para alguns, estas são escolhas conscientes, para outros, isto é feito na ignorância da dinâmica subjacente.

As pessoas afastam-se, assustadas, desse aspecto da teoria freudiana, uma vez que ele sugere que as futuras escolhas de uma pessoa já se acham restringidas. O problema é até que ponto as experiências infantis determinam as op-

A psicanálise é a primeira psicologia que considera com seriedade todo o corpo humano como um lugar para se viver. . . . A psicanálise é profundamente biológica (LeBarre, 1968).

A natureza abrangente da energia sexual ainda não foi corretamente entendida pelos psicólogos. Na verdade, o próprio termo "energia reprodutiva ou sexual" é inapropriado. A reprodução é apenas um dos aspectos da energia vital da qual o outro palco de atividade é o cérebro (Gopi Krishna, 1974).